

# REPRESENTAÇÕES DE CORPO E GÊNERO EM UM CENTRO DE CIÊNCIAS

Raquel Pereira Quadrado

*Universidade Federal do Rio Grande – FURG*

Filomena Teixeira

*Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra*

*Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro*

*Grupo de Investigación Educación y Sociedad da Universidad Castilla La Mancha*

**RESUMO:** Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida em um Centro de Ciências, a partir de uma exposição interativa do corpo humano, com o objetivo de analisar as representações de corpo e de gênero presentes nos painéis e módulos em exposição. Ancoramos o nosso estudo numa perspectiva que entende os corpos como construções biossociais e os gêneros como construções históricas e sociais que se dão a partir da materialidade desses corpos. Para a recolha dos dados fizemos inserções na exposição, com registro fotográfico e em diário de pesquisa. A exposição apresenta rupturas e continuidades no que diz respeito ao corpo biológico que tem figurado nos discursos científicos, apresentando alguns marcadores do corpo biossocial. Em relação ao gênero, encontramos a reprodução de estereótipos sociais que vêm instituindo a masculinidade e a feminilidade hegemônicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo, gênero, centro de ciências, exposição interativa.

**OBJETIVO:** Esta pesquisa foi desenvolvida no Exploratório - Centro de Ciência Viva - que integra uma exposição interativa sobre o corpo humano. A pesquisa teve como objetivo: analisar as representações de corpo e de gênero presentes nos painéis e módulos em exposição.

## MARCO TEÓRICO

### **Os Centros de Ciências e o Exploratório Centro Ciência Viva**

O Exploratório Centro de Ciência Viva de Coimbra, Portugal, é um centro de ciências que procura a complementaridade da educação formal e a divulgação da ciência através de atividades educativas. Os centros de ciências caracterizam-se pela ênfase na participação dos e das visitantes, apresentando exposições dinâmicas e interativas. Assim como os museus de ciências, os centros têm como propósito a educação e a divulgação científica.

Segundo Gruzman e Siqueira (2007), os centros de ciências surgem a partir da II Guerra Mundial, quando os museus de ciências começam a sofrer transformações decorrentes da necessidade de se estabelecer a difusão cultural da ciência e a comunicação de massas. A ideia era procurar o envolvimento de visitantes com os conceitos apresentados na exposição. Diferentemente dos museus de ciências, em que a ênfase costuma ser na exposição e apresentação de aspectos históricos da ciência e/ou dos seus e

suas pesquisadoras/as, os centros lançam mão de diferentes recursos de comunicação e interação, com principal enfoque na percepção e participação ativa do/a visitante.

Atualmente existe uma preocupação crescente com a interatividade e a comunicação nas exposições, bem como com a participação de grupos escolares. Ainda que os centros sejam espaços de educação não formal, o seu público tem sido constituído, principalmente, por estudantes, “tornando esta prática mais comum no âmbito das ações educativas e culturais propostas na educação formal” (Gruzman e Siqueira, 2007, p. 417).

Com base nesses pressupostos, o Exploratório, Centro Ciência Viva recebe cerca de 24 mil visitantes por ano, principalmente crianças e jovens da Educação Infantil ao Ensino Secundário. Constituído como um centro de ciências, conta com diversas exposições interativas. A abordagem educativa que se faz presente neste espaço pode ser considerada epistemológica, ou seja, uma abordagem museológica na qual “se demonstra, por meio de aparatos, instrumentos científicos e modelos, como o processo científico se constrói e funciona, ou como os fenômenos científicos acontecem” (Valente, Cazelli e Alves, 2005, p. 191).

Dentre as exposições existentes no Exploratório, focamos o nosso olhar sobre a maior delas, denominada “Em Boa Forma com a Ciência” tendo, como tema central, o corpo humano.

### **Corpo e Gênero: significados, entendimentos, teorizações...**

Entendemos o corpo para além de sua materialidade biológica, como sendo um constructo biossocial, produzido e transformado a partir de práticas sociais, enunciados científicos e discursos que circulam e se correlacionam na trama social (Souza, 2007).

Pensar o corpo como construído nas práticas sociais e como um projeto nunca acabado não implica negar a materialidade biológica que o constitui; implica sim, no entendimento de que sobre essa materialidade se inscrevem discursos, acontecimentos e práticas que o constituem, regulam e posicionam de distintas formas, nos diversos contextos sociais. Neste sentido, fixam-se sobre o corpo as marcas dos acontecimentos “[...] do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito” (Foucault, 2004, p. 22).

Assim, o corpo ostenta os marcadores sociais - de gênero, sexuais, geracionais, étnico-raciais, de classe social, entre outros - decorrentes de uma rede de estratégias<sup>1</sup> que o constituem e regulam, ao longo de toda a vida. Esses marcadores, entendidos como os símbolos culturais que contribuem para diferenciar, agrupar, classificar e ordenar, inscrevem-se fundamentalmente no corpo, produzindo-o e instituindo os seus lugares sociais (Veiga-Neto, 2002). Inúmeras instâncias e instituições encontram-se implicadas na produção dos discursos que fabricam esses marcadores sociais, dentre as quais podemos citar a escola, a família, a mídia, a religião, a política, os espaços de educação não formal como os centros de ciência, entre outras. Nessas instâncias funcionam pedagogias culturais que, “capturam sentidos que circulam na cultura, ressignificando-os, bem como impondo outros através de suas intrincadas redes de poder” (Santos, 2000, p. 196). O autor destaca que essas pedagogias culturais são, também, pedagogias corporais, pois “‘prescrevem’ modos de ser que, antes que naturais, são produzidos ativamente pelos modos como (re)apresentam os sujeitos” (Santos, 2000, p. 197). Assim, entendemos que no Exploratório, Centro Ciência Viva, atuam pedagogias culturais que ensinam, aos sujeitos que interagem na exposição, significados sobre corpo e gênero.

1. Entendemos estratégia como o conjunto dos meios que possibilitam a manutenção e/ou o funcionamento de dispositivos de poder (FOUCAULT, 1995).

Nesta pesquisa, focamos o nosso olhar sobre os marcadores de gênero, entendendo que as representações de masculinidade e feminilidade associadas ao corpo também são construídas culturalmente (Goellner, 2008) e ganham legitimidade em espaços que têm o discurso científico como base, tal como acontece nos centros de ciências.

Gênero relaciona-se a diversas formas de viver a masculinidade e a feminilidade, bem como aos significados atribuídos a homens e mulheres em cada cultura (Louro, 2004, 2007). Neste sentido, os gêneros são construções socioculturais e linguísticas, implicadas em “processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade” (Meyer, 2003, p. 16). Ao abordar gênero nesta perspectiva, não estamos a negar a materialidade biológica ou os corpos sexuados, a partir dos quais as masculinidades e feminilidades se constituem. O que buscamos é contribuir para a problematização de concepções que justificam através da biologia as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens.

Os sujeitos constituem-se como homens e mulheres através de diversas práticas e instituições sociais, em processos que não são harmoniosos, lineares ou progressivos e que nunca estão finalizados (Meyer, 2003). É no campo social que se constroem e se reproduzem as relações entre os sujeitos e, neste sentido, as justificativas para as desigualdades entre mulheres e homens devem ser buscadas na história, na estrutura social, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas com que as masculinidades e a feminilidades são (re)significadas.

As marcas de gênero, assim como os demais marcadores sociais, inscrevem-se no corpo, configurando sujeitos femininos e masculinos. Assim, “em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão-se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo” (Louro, 2004, p. 28). Tal processo de constituição não se dá passivamente, como se o sujeito fosse um mero receptor dos significados e alvo inerte das estratégias de poder que lhe instituem marcas sociais. A produção dos sujeitos e dos marcadores sociais é um processo do qual participam múltiplas instâncias - família, escola, mídia, religião, centros de ciências, entre outras - que, ao exercerem pedagogias de gênero, colocam em ação estratégias de governo. Estas estratégias se efetivam a partir de tecnologias de autogoverno e autodisciplinamento que os sujeitos exercem sobre si mesmos e, portanto, há um autoinvestimento contínuo para a produção de modos de ser homem ou mulher.

## METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, estivemos no Exploratório ao longo de um mês, período em que tivemos acesso ao plano de atividades de 2016, à publicação alusiva aos 20 anos e realizámos 5 inserções no espaço da exposição “Em Boa Forma com a Ciência”.

Durante as inserções, fizemos o registro fotográfico de toda a exposição e também produzimos um diário de pesquisa com dados referentes aos módulos, tais como: forma de organização da exposição, cores dos painéis, informações disponibilizadas ao público, representações de corpo e de gênero, entre outros aspectos.

Os dados registrados no diário foram reunidos com o registro fotográfico e constituíram o *corpus* de análise. Os dados foram agrupados por semelhança e analisados.

## RESULTADOS

Inaugurada no dia 18 de outubro de 2015, a exposição “Em Boa Forma com a Ciência” tem carácter permanente, abrangendo uma área de 800 m<sup>2</sup>. A exposição é composta por 80 módulos, organizados a partir de uma praça central, onde se localiza o cérebro. A partir desse ponto, divide-se por 7 alamedas, organizadas de acordo com as funções orgânicas, que abordam diferentes sistemas do corpo humano: coordenando (sistema nervoso); multiplicando (sistema genital e genética); respirando (sistema respiratório); digerindo (sistema digestivo); circulando (sistema cardiovascular e sistema urinário); movimentando (sistema músculo-esquelético); revestindo (pele).

Cada alameda é apresentada por uma figura humana, conforme se vê na Fig. 1.



Fig. 1. Figuras que identificam as alamedas com as diferentes funções orgânicas

Ao longo da exposição, diferentes imagens de corpos são utilizadas para apresentar os módulos e as diversas funções do corpo. A ênfase é na parte interna, com imagens de sistemas e órgãos, o que se justifica em função dos objetivos da exposição. Apesar disso, é possível encontrar muitas imagens de corpos biosociais, ou seja, corpos que praticam atividades diversas, alimentam-se, relacionam-se, têm preferências e vontades, que ostentam marcadores de gênero, de sexualidade, de raça-etnia. Isso aponta para uma ruptura com a abordagem meramente biológica dos corpos, incorporando aspectos sociais e culturais que também atuam na sua produção.

Em relação aos marcadores de gênero, é possível perceber a demarcação de características hegemonicamente atribuídas a homens e mulheres nas diferentes imagens expostas. Conforme os exemplos apresentados na Fig. 2, os homens são representados em atividades consideradas tipicamente masculinas, tais como correr, jogar bola ou exibir seus bíceps, numa demonstração de vigor e força. Já as mulheres são representadas em atividades que requerem maior precisão e delicadeza dos gestos, tais como a patinação artística e a ginástica.

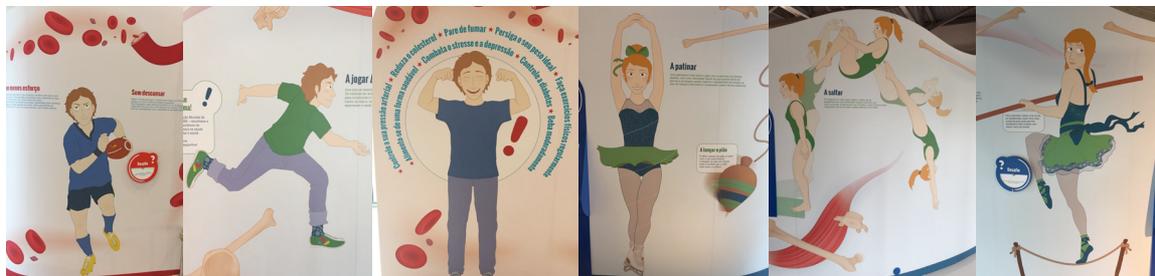


Fig. 2. Imagens de homens e mulheres exercendo diferentes atividades

Vemos, nesse contexto, a reprodução de marcadores de gênero, que instituem determinados modos de ser masculino e feminino e ensinam sobre os corpos e os lugares sociais. Outro exemplo dessa reprodução é apresentado na Fig. 3.

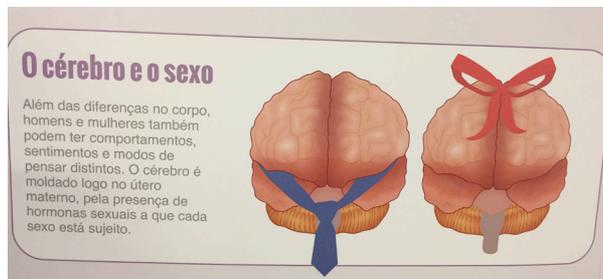


Fig. 3. Imagem representando o cérebro masculino e o cérebro feminino

Ao colocar uma gravata azul no cérebro masculino e um laço vermelho no feminino, reforçam-se estereótipos de gênero construídos socialmente e legitimam-se, através do discurso privilegiado da ciência, diferenças entre gêneros, naturalizando-as. Vinculam-se, deste modo, os comportamentos, os modos de ser e estar no mundo, às funções cerebrais e biologicamente definidas, como se as feminilidades e as masculinidades não fossem produzidas nos diferentes contextos sociais, a partir da linguagem, da cultura, dos diferentes discursos – científico, religioso, das mídias... – que circulam e nos interpelam.

## CONCLUSÕES

O Exploratório Centro Ciência Viva, através da exposição “Em Boa Forma com a Ciência”, educa sobre corpo e gênero, por meio do discurso científico. Ao apresentar o corpo humano, incorpora questões culturais e sociais, contribuindo para modos de se entender e pensar o corpo como um híbrido, como sendo uma produção biossocial. Ao incluir esses aspectos na sua abordagem, contribui para ampliar o entendimento de corpo que, geralmente, estuda-se nas escolas e nos livros didáticos.

Em relação ao gênero, o Exploratório apresenta diversos marcadores que reforçam a ideia de que as desigualdades entre mulheres e homens podem ser justificadas pela biologia. Entendemos que não são as características biológicas que determinam os significados de ser mulher ou de ser homem e, sim, os modos como essas características são valorizadas ou representadas em cada sociedade, em determinado momento histórico, que acabam por constituir os gêneros. Sendo assim, é importante que espaços como os centros de ciências apresentem abordagens que tenham em consideração o caráter construído dos gêneros, a fim de que as masculinidades e as feminilidades possam ser ressignificadas e se possa contribuir para a constituição de uma sociedade justa, igualitária e respeitadora dos direitos humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. (1995) O sujeito e o poder. In: Dreyfus, H., Rabinow, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.
- (2004). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Brasil: Graal.
- GOELLNER, S (2008). A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: Stevens, C., Swain, T. *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis, Brasil: Ed. Mulheres.
- GRUZMAN, C., SIQUEIRA, V. (2007). O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 6(2), 402-423.
- LOURO, G. (2004). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- (2007). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.
- MEYER, D. (2003). Gênero e educação: teoria e política. In: Louro, G., Neckel, J., Goellner, S. (Eds.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- SANTOS, L.H.S. (2000). Incorporando “outras” representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, D. (Org.). *Ciências na sala de aula*. Cadernos de Educação Básica, vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 97-112.
- SOUZA, N. (2007) “Fases da vida”: discursos biológicos, religiosos, midiáticos... In: Wortmann, M. L. [et Al] (Eds.). *Ensaio em Estudos Culturais, educação e ciência*. Porto Alegre, Brasil: UFRGS.
- VALENTE, M.E., CAZELLI, S., ALVES, F. (2005) Museus, ciência e educação: novos desafios. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 12(suplemento), 183-203.
- VEIGA-NETO, A. (2002) As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, corporal(idades), (ident)idades... In: Garcia, R. (Ed.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro, Brasil: DP&A.